


Sustainable Development coverage in the Portuguese written press

A cobertura do Desenvolvimento Sustentável na imprensa escrita portuguesa

Vítor Bessa*, João Simão**

*  Universidade Aberta (vitorbessa@gmail.com)

**  Center for Global Studies (CEG-UAb), Universidade Aberta and Centre for Public Administration and Public Policies (CAPP), Universidade de Lisboa (joao.simao@uab.pt)

Abstract

Conceptualized in 1987 and initially disseminated in institutional and academic circles, sustainable development is a topic that has been gaining ground in the public and political sphere. Associated with environmental preservation, social justice and economic development, the UN, various international and political bodies at a regional, national and local scale have considered it one of the most significant challenges for humanity. The written press, as a forum that reflects different voices and narratives, can be decisive in influencing and conditioning discourse and even future policies in the field of sustainable development, informing, inspiring and influencing positive changes in society. Aiming to categorize the type of articles in which SD is mentioned, characterize the tone, narrative and dominant voices of the articles and identify the moral claims that underlie the articles, this work seeks to assess the state of the debate on Sustainable Development in the years 2019 and 2020 in three of the main Portuguese written press titles: Expresso, Jornal de Notícias and Público. The results showed a significant increase in articles in 2020, compared to 2019, the existence of a plurality of voices occupying the media space, the treatment of SD as something positive to be achieved and an expected prevalence of news articles. There were also some notable differences between the three newspapers that can be justified by the audience profiles they intend to reach.

Keywords: sustainable development, written press, Portugal.

Resumo

Conceptualizado em 1987 e inicialmente veiculado nos meios institucional e académico, o desenvolvimento sustentável é um tema que tem vindo a conquistar espaço na esfera pública e política. Associado à preservação ambiental, justiça social e desenvolvimento económico, a ONU, diversos organismos internacionais e políticos à escala regional, nacional e local têm-no considerado um dos desafios mais significativos para a humanidade. A imprensa escrita, como fórum que espelha vozes e narrativas diferenciadas, pode ser determinante como influenciador e condicionador do discurso e até de políticas futuras no domínio do desenvolvimento sustentável, informando, inspirando e influenciando mudanças positivas na sociedade. Tendo como objetivos categorizar o tipo de artigos em que o DS é mencionado, caracterizar o tom, narrativa e vozes dominantes dos artigos e identificar as alegações morais que subjazem nos artigos, este trabalho procura-se aferir o estado do debate sobre o Desenvolvimento Sustentável nos anos 2019 e 2020 em três dos principais títulos da imprensa escrita portuguesa: Expresso, Jornal de Notícias e Público. Os resultados mostraram um aumento significativo de artigos em 2020, face a 2019, a existência de uma pluralidade de vozes a ocupar o espaço mediático, o tratamento do DS como algo positivo a ser alcançado e uma prevalência esperada do artigo de tipo notícia. Verificaram-se também algumas diferenças assinaláveis entre os três jornais que se podem justificar pelos perfis de público que pretendem atingir.

Palavras-chave: desenvolvimento sustentável, imprensa escrita, Portugal.

Introdução

O Desenvolvimento Sustentável (DS) é um conceito suficientemente vago e ambíguo para albergar interpretações muito diferentes, que propicia o uso de chavões e opiniões opostas sobre justiça social, preservação ambiental ou desenvolvimento económico – as três dimensões principais do DS. À semelhança da liberdade ou democracia, o DS é um conceito contestável, mas, pelo facto de o seu sentido ser discutido, não significa que seja sem sentido (Baker, 2006). É também um conceito com forte carga política e ideológica (Davidson, 2012; Hopwood et al., 2005), que não deixa de ser consubstanciado por literatura e evidência científica, como sejam os temas das alterações climáticas, perda de biodiversidade, pobreza ou igualdade de género, só para mencionar alguns.

Apesar da disseminação de plataformas e canais digitais que veiculam notícias falsas sobre ciência (Rubin, 2019), a imprensa escrita ainda constitui uma força vital para incrementar a consciência pública, já que poucos outros canais seriam capazes de disseminar conhecimento científico e igualar o seu alcance e influência ao nível do debate (Junsheng et al., 2019; Nguyen & Tran, 2019). Deste modo, os jornais contribuem para a emergência de temas relevantes no discurso público, enquanto condicionam e formatam o progresso socio-ambiental através da seleção e interpretação do discurso – ao que não será alheia algumas críticas relacionadas com a homogeneização e reprodução do pensamento dominante (Alaazi et al., 2021; Montiel-McCann, 2023) e de relações de poder (Usher, 2021), por parte da imprensa.

Nos últimos anos têm sido publicados vários estudos sobre a cobertura do DS na imprensa de diferentes regiões, que se justifica pela importância que esta tem na marcação da agenda mediática e política. Desde artigos de teor predominantemente qualitativo, focados em geografias específicas (Fischer et al., 2017; López-Carrión & Martí-Sánchez, 2024; Yacoumis, 2018 p.e.), a artigos de teor mais quantitativo, fazendo uso de ferramentas de data mining, que permitem comparações entre diferentes geografias (Barkemeyer et al., 2013; Czvetkó et al., 2021 p.e.), a literatura tem-se focado em especial em países do Norte global, com algumas raras exceções (Adelekan, 2009, p.e.).

Dada a interligação entre média e sociedade torna-se relevante perceber como os diversos tipos de artigos constroem desafios sociais significativos, como é o caso do DS, e para Portugal, uma vez que não existe investigação publicada neste contexto temático e geográfico.

Foram definidos os seguintes objetivos de investigação: (i) categorizar o tipo de artigos em que o DS é mencionado; (ii) caracterizar o tom, narrativa e vozes dominantes dos artigos; e (iii) identificar as alegações morais que subjazem nos artigos.

Para responder aos objetivos foram selecionados três dos principais títulos da imprensa portuguesa pertencentes a diferentes grupos empresariais, o Expresso, o Jornal de Notícias (JN) e o Público, por serem os jornais líderes nos respetivos segmentos.

O artigo está estruturado da seguinte forma. A secção 'Representação do Desenvolvimento Sustentável na imprensa escrita' aborda a revisão da literatura, procurando ilustrar o que se tem feito nacional e internacionalmente neste tema. Na secção 'Métodos' identificam-se as categorias para a análise de conteúdo. A secção seguinte apresenta e discute os resultados organizados pelas categorias de análise. Finalmente, procede-se às conclusões mais significativas.

Representação do Desenvolvimento Sustentável na imprensa escrita

O termo 'desenvolvimento sustentável' surge em 1980, quando a União Internacional para a Conservação da Natureza e Recursos Naturais apresentou uma estratégia centrada na sustentabilidade ecológica (IUCN et al, 1980). Em 1987 a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU (WCED) publica O Nosso Futuro Comum que, pela primeira vez, alia os conceitos de desenvolvimento económico e social, por um lado, e de sustentabilidade ambiental, por outro, fundando o conceito de 'desenvolvimento sustentável', definindo-o como "o desenvolvimento que dá resposta às necessidades do presente, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de poderem satisfazer as suas" (WCSD, 1987:54).

O relatório não se limitou a identificar problemas, mas também apontou o caminho para o desenvolvimento sustentável, através de uma série de orientações suficientemente específicas para terem significado e, simultaneamente, vagas para poderem ser aceites por um grupo muito abrangente de atores políticos e sociais (Baker, 2006). Essa é também a força e fraqueza do conceito de desenvolvimento sustentável: flexível o suficiente para se popularizar e ser adotado por um público vasto e diverso, mas vago ao ponto de se tornar um conceito facilmente contestado ou indevidamente apropriado. Mais recentemente, em 2015, os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (Agenda 2030) foram aprovados pela ONU e constituem hoje o principal documento orientador da política internacional acerca do DS. Os estados são chamados a adotar as suas políticas públicas em torno desse documento global e o tema adquire popularidade e mediatismo acrescido.

Destacam-se cinco razões conferentes aos jornais uma importância crucial na comunicação sobre desenvolvimento sustentável.

Consciencialização pública- o alcance dos jornais é significativo e podem sensibilizar o público sobre questões ambientais (Harcourt et al., 2021) e sociais (Apuke & Omar, 2020) relacionadas com o desenvolvimento sustentável, o que permite incrementar a consciencialização dos leitores.

Educação- os jornais são um meio de educar e informar a população sobre a importância do desenvolvimento sustentável, explicando conceitos-chave, práticas e impactos ambientais (Klosterman, 2012), o que ajuda a promover uma compreensão mais profunda das questões envolvidas.

Influência nas políticas públicas- a cobertura jornalística pode influenciar as políticas governamentais (Firmstone, 2019) e empresariais (Heese et al., 2022). Ao dar destaque aos problemas e soluções relacionados com o DS, os jornais podem pressionar os governos e as empresas a adotarem práticas mais sustentáveis.

Envolvimento da comunidade- os conteúdos jornalísticos podem inspirar ações individuais e coletivas (Hayes & O'Neill, 2021). Ao apresentar casos bem-sucedidos, ideias inovadoras e práticas que contribuam para o DS, mas também alertando para os perigos da inação, os jornais podem elevar o compromisso da comunidade para com mudanças positivas.

Responsabilidade social- os jornais têm um papel de responsabilidade social ao abordar questões relevantes para o bem-estar da sociedade (Buckton et al., 2019), como é o caso do DS, promovendo valores e práticas que visam um futuro saudável e ambientalmente mais equilibrado.

A literatura sobre a representação do DS nos média, e em particular na imprensa escrita, embora ainda escasso, é um campo crescente de investigação e tende a dividir-se entre a que analisa como o fenómeno

é representado (predominantemente qualitativa) e a que estuda o quão representado é o fenómeno (predominantemente quantitativa).

Considerado um artigo seminal no campo da comunicação da sustentabilidade, Lewis (2000) investigou sobre a representação do DS nos média norte-americanos levantando duas questões: como é definido o conceito nos média e quem atribui esses significados. Na resposta à sua primeira questão, Lewis (2000) encontrou poucos artigos com uma definição explícita de DS, sendo que os que a continham seguiam maioritariamente a definição do relatório Brundtland. Formulações críticas foram também encontradas, mas constituíram a exceção. Para responder à questão de quem define o DS nos jornais, Lewis analisou as fontes noticiosas, encontrando forte presença de artigos com origem governamental ou intergovernamental (ONU) e líderes económicos, mas um número reduzido de artigos com origem em ONGA independentes e ainda menos com origem em países do Sul. Isto poderia explicar a raridade de visões críticas do DS na imprensa americana. A análise qualitativa de Lewis termina com um retrato muito crítico da falta de diversidade de posições, concluindo que o DS é retratado como uma extensão do discurso desenvolvimentista, que também predomina no discurso político e académico (Morse, 2008).

Duas décadas após, a comunicação sobre DS continua sem um enquadramento teórico próprio (Janoušková et al., 2019), mas vários estudos se seguiram, analisando a imprensa de diferentes países e sob diferentes perspetivas. Alguns artigos focaram-se na análise quantitativa e a principal conclusão, transversal a diferentes áreas geográficas, é que a cobertura do DS pela imprensa tem aumentado (Barkemeyer et al., 2009; Bonfadelli, 2010; Fischer et al., 2017). Essa atenção mediática é naturalmente crescente em redor de eventos impactantes (trigger events), como sejam as cimeiras mundiais da ONU dedicadas ao DS, porém a redução da cobertura depois dos eventos nunca desce tão baixo quanto o nível do período anterior aos mesmos (Holt & Barkemeyer, 2012). Ou seja, assiste-se por parte da imprensa a uma maior atenção ao tema do DS, ainda marcada por grandes eventos mas crescentemente independente dos mesmos.

Algumas tendências podem ser encontradas na literatura:

- a. Parece ténue a relação entre desenvolvimento económico do país e a cobertura jornalística, sendo os resultados inconclusivos ou até divergentes (veja-se Barkemeyer et al., 2009; Liu et al., 2020).
- b. Há evidências que os jornais de referência fazem uma cobertura com maior qualidade, profundidade e com uma visão mais favorável à ideia de sustentabilidade, do que os jornais populares (Bonfadelli, 2010; Diprose et al., 2018; Mohamed et al., 2020).
- c. Dependendo do país, o alinhamento político do jornal pode contribuir para uma cobertura mais significativa. Fischer et al. (2017) para a imprensa alemã, e Diprose et al. (2018) para a do Reino Unido, encontraram em jornais com alinhamento político de esquerda ou liberal maior profundidade do conceito e mais apelos à responsabilidade social corporativa e à justiça social, do que em jornais conservadores. Porém, e em contraste, Yacoumis (2018) não encontrou diferenças significativas no enquadramento do DS por jornais australianos com diferentes alinhamentos ideológicos.
- d. As vozes predominantes também parecem ser diferentes de acordo com o local do estudo. Para a Suíça, Bonfadelli (2010) encontrou um domínio de políticos governamentais e também do Partido Verde (à época com pouco peso eleitoral). Já no Reino Unido, Diprose et al. (2018), encontram um domínio de vozes vindas do mundo dos negócios, com maior representatividade do que jornalistas, políticos ou ativistas.

e. As notícias locais são, em alguns estudos, evidenciadas como oferecendo maior cobertura ao DS, como seja o caso de Barkemeyer et al. (2009) para os E.U.A. e de Adelekan (2009) para a imprensa nigeriana, sobretudo no âmbito do setor energético - a que não será alheio os inúmeros impactos socio-ambientais causados pela exploração de petróleo na região do Delta do Níger (Oluwaniyi, 2018).

Em relação à imprensa portuguesa a investigação tem-se limitado à análise de temas que encaixam nos ODS, mas sem fazer a contextualização com o termo amplo 'desenvolvimento sustentável'. Pinto et al. (2020) analisaram a cobertura da vida marinha no jornal Público entre outubro de 2002 e dezembro de 2010, um tema que corresponde ao ODS 14 (Proteger a vida marinha). Apesar de ser um dos jornais mais influentes e considerado um dos títulos de maior qualidade na imprensa lusa, os autores concluíram que a cobertura deste tema era pobre, apontando como possíveis explicações a crise da imprensa tradicional, a falta de jornalistas especializados em áreas científicas e a ausência de engajamento de stakeholders com os mesmos. Caeiro e Gonçalves (2015) analisaram as notícias publicadas em 69 fontes online portuguesas sobre a situação de sem-abrigo entre 2009 e 2013, notando um aumento da atenção ao tema nesse período. Mas, tal como no artigo de Pinto et al. (2020), não é feita uma relação com o conceito de DS, o que vai ao encontro da constatação de Janoušková et al. (2019), de que os temas dos ODS têm ampla cobertura na imprensa, mas raramente enquadrados no conceito mais abrangente do DS.

Métodos

O estudo incidiu sobre três jornais de referência em Portugal que não constituem uma amostra representativa da imprensa escrita portuguesa. O Expresso é o jornal semanário mais lido do país e líder na circulação paga entre todos os jornais (Durães, 2021). O Jornal de Notícias (JN), é um diário histórico fundado em 1888, especialmente influente no Norte do país, sendo o único dos jornais ditos nacionais sediado fora da capital, na cidade do Porto, líder na audiência online e aquele com mais seguidores nas redes sociais (JAS, 2020). O Público, pioneiro na digitalização da imprensa portuguesa, é atualmente considerado o diário de referência (quality paper) nacional, é o diário mais vendido em banca e líder nas assinaturas digitais, ultrapassando o Expresso (Muschketat, 2022).

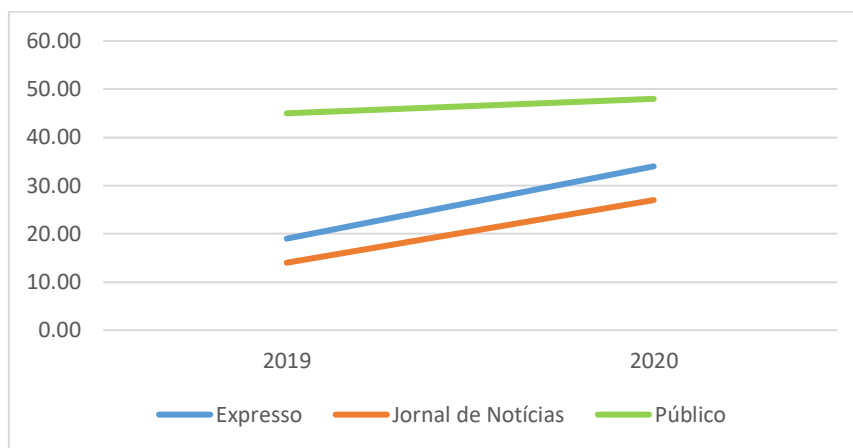
A recolha de dados foi feita usando os artigos publicados online, independentemente de estarem ou não sujeitos a uma paywall (conteúdo pago), usando a subscrição digital de cada um deles e o conteúdo publicado nos respetivos domínios de internet: jn.pt, publico.pt e expresso.pt. Pretendeu-se desta forma analisar apenas conteúdos que, na versão digital, estão claramente identificados como pertencentes aos respetivos títulos. O período escolhido para análise foi o compreendido entre 1 de janeiro de 2019 e 31 de dezembro de 2020.

Usou-se "desenvolvimento sustentável" como único termo de pesquisa por três razões. Primeiro, porque é o único para o qual existe uma definição usualmente aceite. Segundo, porque também abrange os objetivos do desenvolvimento sustentável, que constituem atualmente o principal referencial de governança institucional, à escala internacional, regional, nacional e local. Finalmente, porque o termo "desenvolvimento sustentável" é mais específico do que o conceito alternativo "sustentabilidade", uma palavra que se tornou corrente e por isso usada de forma superficial e frequentemente longe do sentido original de DS (Barkemeyer et al, 2009). À semelhança de Atanasova (2019), recorreu-se ao motor de busca Google como ferramenta

de pesquisa. Este processo resultou na identificação de 187 artigos distribuídos conforme o Gráfico 1, constituindo as unidades de análise.

Para responder aos objetivos e investigação, recorreu-se à análise de conteúdo, um dos procedimentos clássicos para analisar material de texto, tendo em vista reduzir o material textual a categorias (Flick, 2006), num processo progressivo de leitura e de anotação do material, permitindo uniformizar a análise e reduzir a subjetividade. As etapas do método de investigação para a análise de conteúdo qualitativa seguiram, na generalidade, aquelas propostas por Sampaio & Lycarião (2021), ou seja: (i) identificação da problemática e dos objetivos de investigação, que constam na Introdução do artigo; (ii) desenho (seleção das unidades de análise, como exposto nos parágrafos anteriores, criação de categorias, amostragem, codificação, teste de confiabilidade); (iii) análise (tabulação e interpretação dos resultados). A organização desta secção segue aproximadamente a estrutura referente a (ii) e (iii).

Figura 1: Número de artigos considerados, por jornal e por ano



Fonte: elaboração própria

Após a seleção dos artigos, adotou-se um sistema de categorias. A análise de conteúdo categorial é uma metodologia qualitativa usada para interpretar a presença de palavras, temas ou conceitos específicos, neste caso a partir de artigos em jornais. Este método permitiu aos autores identificar padrões de comunicação de forma sistemática, reduzindo, mas não eliminando, a subjetividade. A caracterização dos artigos obedeceu a cinco categorias e a diversas sub-categorias (Tabela 1).

Para classificar as narrativas encontradas utilizaram-se as categorias definidas por Diprose et al. (2018) para a imprensa britânica, excluindo-se apenas a sub-categoria "eventos intergovernamentais" por não terem existido eventos relevantes nos anos em análise. Recorrer a teorias e práticas existentes é uma das possibilidades para a construção de categorias (Bardin, 2004; Krippendorff, 2004), sendo que a opção por adotar categorias já testadas e usadas em artigos científicos de referência (com o ajuste mencionado) eliminou a necessidade de proceder ao pré-teste de categorias.

Confirmou-se que as categorias gozavam das propriedades de exclusão mútua, homogeneidade, exaustividade e pertinência para o objeto de estudo (Bardin, 2004) e durante a fase de codificação não emergiram novas categorias de análise.

Tabela 1: Categorias de análise

CLASSIFICAÇÃO DOS ARTIGOS	
Categorias	Sub-categorias
Tipo de artigo	Notícia, Opinião (inclui editoriais), Entrevista, Reportagem, Artigos patrocinados
Narrativas sobre DS	<ul style="list-style-type: none"> - Económica: a sustentabilidade pode ser alcançada através de mecanismos da economia de mercado. Tecnologia Aplicada: crença nas inovações comerciais, financeiras e científicas. Consumismo: promoção de produtos e estilos de vida “verdes”. RSC (Responsabilidade Social Corporativa): sobre os esforços de empresas e instituições para harmonizarem o lucro e a sustentabilidade. Crescimento: equiparação do crescimento económico com sustentabilidade. - Ambiental: inclusivas da biodiversidade, alterações climáticas, natureza e animais. - Social: a sustentabilidade deve incluir uma base de cooperação social. - Crise: dramatização das ameaças percebidas à harmonia social. - Equidade: apelo aos direitos humanos e redução da pobreza e/ou desigualdade. - Ceticismo: descrença na necessidade ou viabilidade do DS
Alegações morais	<ul style="list-style-type: none"> - Culpabilidade: identifica e culpa agentes em particular por práticas insustentáveis. - Direito (<i>entitlement</i>): identifica e apoia as reivindicações a direitos ou bens de determinados agentes.

	- Responsabilidade: identifica agentes responsáveis pela adoção de práticas sustentáveis.
Tom dominante	Positivo, Negativo (no sentido em que o DS é apresentado como algo alcançável e/ou desejável ou não)
Voz dominante	Política local, Política nacional, Política internacional, ONU, Academia / Ciência, Negócios, ONG, Outros

Fonte: elaboração própria

A codificação das notícias consistiu na leitura cuidadosa de cada artigo, que foi codificado de acordo com a sua proveniência (jornal em que ocorreu a publicação), data de publicação, e categoria de análise. A atribuição manual de trechos de texto às categorias definidas foi elaborada numa tabela em excel. A montante, os autores esclareceram entre si algumas matérias potencialmente duvidosas. Esta etapa foi primordialmente desenvolvida pelo primeiro autor, havendo lugar a discussão pontual em casos de dúvida na codificação. O segundo autor validou a etapa da codificação escolhendo aleatoriamente alguns artigos. Narrativas sobre o DS são categorias temáticas onde o discurso do artigo se integra. Entre várias possibilidades existentes na literatura (veja-se, por exemplo, Bonfadelli et al., 2010), optou-se pela que consta em Diprose et al., (2018) por se considerar a mais desenvolvida. Por exemplo, num artigo onde é anunciada a compra de veículos elétricos por uma autarquia ("Para o presidente da Câmara Municipal os novos veículos "estão de acordo com o que defendemos para um desenvolvimento sustentável"", JN, 25/9/2019), fica evidente uma crença na tecnologia como via para o DS. Em campanhas de incentivo ao turismo verde ("A secretária regional destaca que o galardão atribuído "evidencia o caminho percorrido pelo Governo dos Açores no desenvolvimento sustentável do sector do turismo".", Público, 5/3/2020) sobressai a ideia de promoção de um destino turístico como um produto de consumo sustentável.

A categoria da voz ou ponto de vista dominante foi detetada de forma objetiva pelos investigadores. Na generalidade dos artigos a voz dominante era facilmente detetável, ora por via de quem assinava o artigo (por exemplo, "O Orçamento do Estado e o contributo de Portugal para um mundo justo e sustentável", Público, 20/01/2020, assinado pela Plataforma Portuguesa das Organizações Não-Governamentais para o Desenvolvimento), ora por via da principal fonte da notícia (como por exemplo, a notícia com base num relatório das Nações Unidas sobre a efetivação dos ODS, JN, 19/11/2019). Nos artigos em que o DS surge como tema secundário referido por alguém citado no artigo, considera-se essa a voz responsável pela narrativa usada. Foram raros os artigos em que houve mais do que uma voz a apresentar uma narrativa identificável de DS, e mesmo quando pontos de vista divergentes foram apresentados, em geral havia um que se destacava claramente na atenção recebida.

Finalmente, a interpretação dos dados codificados recorreu a estatística descritiva e permitiu a extração de conclusões, fornecendo a compreensão das mensagens veiculadas nos jornais.

Este é um trabalho de cariz exploratório que tem como objetivo saber o que há sobre determinado assunto, ainda que de forma limitada ao universo de estudo e ao arco temporal. É o primeiro estudo em Portugal sobre a representação do DS na imprensa. São necessários mais estudos que incidam sobre uma janela

temporal mais extensa, que abordem outros títulos da imprensa escrita (os tabloides, por exemplo) e com diferentes ferramentas de análise (como seja a análise do discurso).

Resultados e Discussão

A análise ao número de artigos permite concluir que o Público foi o jornal que mais atenção deu ao tema (em 2019 mais de metade dos artigos eram desse diário). No Expresso e no JN verificou-se que o número de artigos duplicou em 2020 face a 2019. Não é possível concluir se é uma nova tendência nesses jornais ou se foi um resultado circunstancial da associação do tema à pandemia COVID-19, que ganhou uma nova dimensão quer por via das causas que a despoletaram – sustentabilidade ambiental (Wang & Huang, 2021) – ou pelas suas consequências ao nível social - saúde (Ottersen et al., 2020), educação (Filho et al., 2021), pobreza (Fabgemi, 2021), entre outros. O percentual de artigos analisados de 2020 com referência à situação pandémica foi: Expresso (59%), JN (26%) e Público (44%).

O primeiro artigo selecionado que faz referência à pandemia foi o “Manifesto por uma recuperação económica justa e sustentável em Portugal” (Público, 20/04/2020) onde se pedia “uma economia alinhada com o Pacto Ecológico Europeu, o Acordo de Paris, os objetivos de proteção da biodiversidade e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável”, um manifesto assinado por dezenas de personalidades, ativistas e ONG. A ideia de que se a recuperação económica pós-pandemia teria de ser sustentável repetiu-se em vários artigos. Já o Global Media Group, proprietário do JN, dedicou parte das receitas publicitárias para um donativo à IPSS Banco Alimentar, “Na entrega simbólica do cheque, Isabel Jonet salientou a importância da Causa 19, desenvolvida por um grupo de media, numa iniciativa de desenvolvimento sustentável” (7/7/2020).

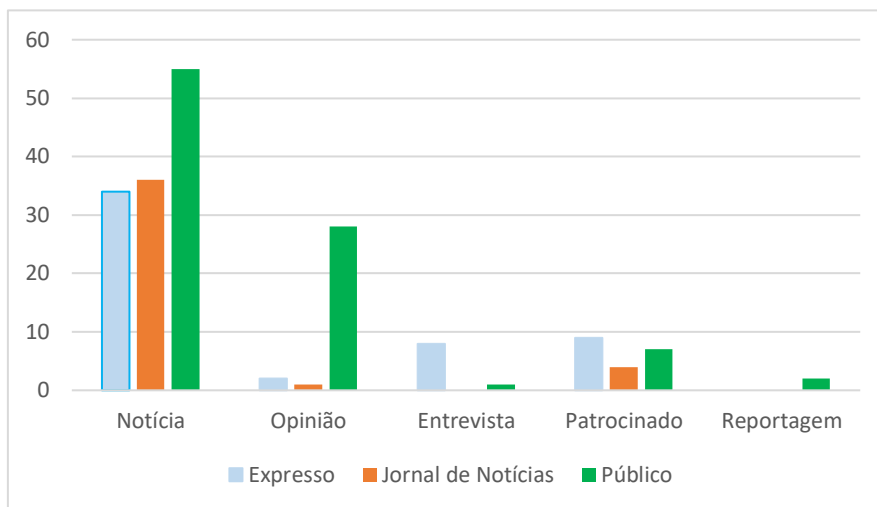
Assim, verifica-se que houve em 2020 uma associação dos temas “desenvolvimento sustentável” e “covid 19”, o que acompanha uma preocupação geral nos anos 2020-2021 (Fenner & Cernev, 2021, entre outros). Porém, seriam necessários estudos posteriores que envolvessem os anos de 2022 e seguintes para se poder ir ao encontro de ilações seguras.

Seguidamente apresentam-se os resultados pelas categorias de análise: tipo de artigo, narrativas sobre o DS, alegações morais, tom dominante e voz dominante.

Tipo de artigo

Como seria de esperar, a notícia é o tipo de artigo mais frequente nos três jornais (Figura 2), sendo quase o único tipo no JN. Existem artigos patrocinados por empresas, fundações ou autarquias e ainda artigos integrados em projetos de responsabilidade social corporativa dos próprios jornais. Os artigos de opinião são sobretudo relevantes no Público. O Expresso é onde as entrevistas ganham maior destaque, tendo para isto contribuído a campanha “Conversas da Casa Comum ONU75”, uma série de entrevistas publicadas pelo jornal no final de 2020. Já a evidência em reportagens é muito reduzida, apenas duas e ambas do Público.

Figura 2: Número de artigos por tipo para cada jornal



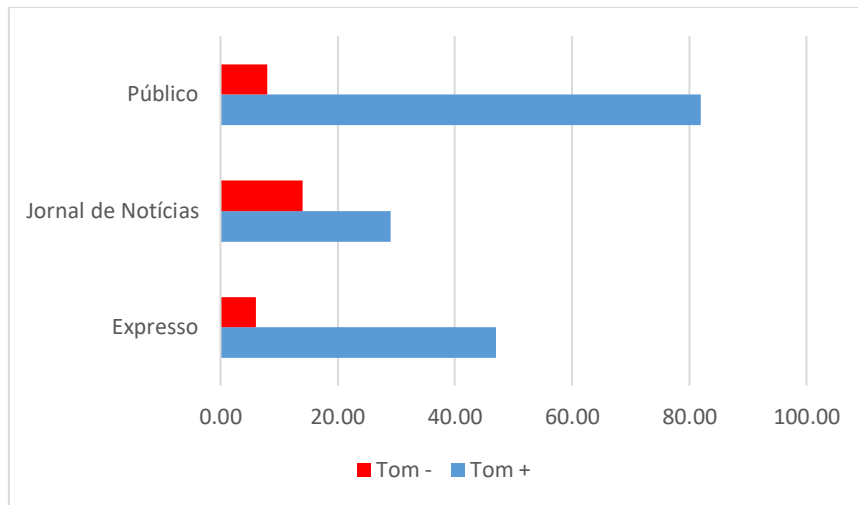
Fonte: elaboração própria

Tom dominante

Considerado um desígnio para a humanidade pela generalidade das instituições internacionais (WCED, 1987; ONU, 2015), o DS foi posteriormente vertido para os governos em todas as escalas geográficas (European Commission, 2019; República Portuguesa, 2023; Ferreira, 2020). No meio académico predomina a mensagem de que o desenvolvimento sustentável é positivo para a humanidade, embora a sua concretização coloque múltiplos desafios aos governos e populações (Biermann et al, 2023, p.e.). Ainda assim, neste círculo, o desenvolvimento sustentável é também alvo de discussão, seja porque o conceito possa ser interpretado como um oxímoro (Redclift, 2005, e.g.), uma imposição poscolonial dos países do norte global (Banerjee, 2003), uma ideia ao serviço de uma agenda neoliberal (Weber, 2017) ou simplesmente porque os ODS estabelecem metas contraditórias entre si (Hickel, 2019).

Ao indagarmos o tom dominante dos artigos na imprensa, pretendeu-se aferir a perceção positiva ou negativa do artigo face ao desenvolvimento sustentável. Consideram-se “positivos” artigos que apresentem soluções consideradas viáveis, ainda que focados em certos problemas. Por “negativos” são classificados os artigos que colocam em causa o cumprimento do desígnio do DS, ou dos ODS ou para a impossibilidade de se executarem. A Figura 3 mostra a expressiva predominância do tom positivo ou otimista nos artigos, não havendo uma diferença significativa entre os dois anos em estudo.

Figura 3: Artigos por tom dominante



Fonte: elaboração própria

A imprensa portuguesa tende a apresentar o DS como algo desejável e alcançável, por mais problemática que seja a situação apresentada. O resultado está em consonância com o geralmente aceite: o DS é considerado “a good thing” desde a sua conceptualização (Rowlands, 1993) por estar relacionado com a qualidade de vida das gerações atuais e futuras (Bijl, 2010, p.e.). É natural, pois, que esta perspetiva predominante em quase todos os setores da sociedade esteja também refletida na imprensa, com alguma ausência de reflexão crítica. Um exemplo extremo é o artigo de opinião publicado pelo Público, “Uma empresa de tabaco pode ser sustentável?” (21/05/2019), em que a conclusão e resposta ao título é um claro sim. Não será alheio a este otimismo o facto de o artigo ter sido escrito pelo diretor-geral de uma empresa tabaqueira. Esta visão otimista pode ser interpretada como encaixando na definição de “status quo” de Hopwood et al. (2005): nem o ambiente, nem a sociedade enfrentam problemas insuperáveis e ajustamentos requeridos podem ser feitos sem que impliquem uma mudança fundamental na sociedade, meios de decisão ou relações de poder.

O JN é o jornal onde o tom negativo tem maior peso, o que poderia ir ao encontro da constatação de Diprose et al (2018) que encontrou nos tabloides e títulos middle market mais narrativas de crise social, frequentemente associadas a visões sensacionalistas sobre imigração ou colapso do estado social. No entanto, a maior parte dos artigos do JN identificados como tendo um tom negativo correspondem antes a notícias sobre previsões de falhanços em metas ambientais ou da Agenda 2030.

Narrativa dominante

Na tabela 2 apresentam-se os resultados da categorização da narrativa dominante em cada artigo, recorrendo-se às categorias de Diprose et al. (2018).

Tabela 2: Narrativas dominantes por jornal

	<i>Expresso</i>		<i>JN</i>		<i>Público</i>	
	2019	2020	2019	2020	2019	2020
Económica (total)	8	14	3	11	10	17
Tecnologia aplic.	4	3	1	2	7	5
Consumismo	-	2	-	1	1	7
Resp. Social Corp.	3	4	-	2	2	2
Crescimento	1	5	2	6	-	3
Ambiental	4	4	3	7	13	10
Social (total)	7	16	8	9	21	20
Crise	6	8	3	5	12	12
Equidade	1	8	5	4	9	8
Ceticismo	-	-	-	-	1	1

Fonte: elaboração própria

Os resultados evidenciam o crescimento da presença de narrativas económicas entre 2019 e 2020 ancoradas na expectativa de crescimento económico sustentável num futuro pós-pandemia. Nos três jornais as narrativas sociais são as predominantes. Já as ambientais são mais ausentes e só um estudo específico para esta dimensão permitirá perceber se é a vertente “esquecida” do DS ou se é tratada de forma autónoma e desvinculada. Estes resultados relevam um forte contraste com a imprensa britânica, onde as narrativas económicas eram predominantes em todos os principais jornais (Diprose et al., 2018). Indo mais além, os jornais do Reino Unido conotados politicamente com a direita tinham propensão para ilustrarem o DS como algo que poderia travar o desejável crescimento económico. No entanto, estes dados poderão ser explicados pelo facto de artigos com o termo “sustentabilidade” terem sido incluídos nesse estudo.

O Público é o jornal com maior diversidade na sua cobertura e notoriamente o que tem mais presença na temática ambiental, o que parece confirmar a sua posição de mais influente diário em temas científicos e ambientais (Pinto et al., 2020). É também o título com os dois únicos artigos que revelam uma narrativa cética ou crítica. Em “E se a África rejeitasse os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável?” (1/8/2019), Elísio Macamo, professor moçambicano na Universidade de Basileia, defende a rejeição africana dos ODS: “[O DS] Compromete-nos com uma visão do mundo alicerçada na ideia de que a prossecução de riqueza constitui condição sine qua non para eliminar a pobreza. Definindo a riqueza como problema, talvez chegássemos ao ponto de sugerir que quem tem mais fosse mais comedido na sua riqueza ou que partilhasse.” (Público, 1/8/2019). No outro artigo “Lixo marinho: as visões de jovens universitários e as armadilhas da agenda ecológica” (4/8/2020), três professores da Faculdade de Ciências do Porto defendem a necessidade de um novo antropocentrismo, que veem ausente do DS: “Apesar da intenção benigna, os novos chavões como “desenvolvimento sustentável”, “economia azul”; “economia circular”, a própria “sustentabilidade”, a “reciclagem”, entre outros, correm o risco de não passar de chavões, precisamente porque não consagram o Homem como primeiro e único responsável entre os vivos pelo estado do ambiente: o único cujas escolhas decidem do futuro” (Público, 4/8/2020). Ambos os artigos têm especial mérito por questionarem o conceito de DS e de proporem uma alternativa.

Alegações morais

A Tabela 3 estabelece a principal alegação moral de cada artigo, nomeadamente:

- a culpa por uma prática insustentável (o foco está em quem criou um problema),
- a responsabilidade por criar práticas sustentáveis (o foco está em quem tem essa responsabilidade), ou
- o direito a beneficiar do DS (o foco está em quem tem esse direito).

Tabela 3: Alegações morais por jornal

	Culpabilidade		Responsabilidade		Direito (<i>Entitlement</i>)	
	2019	2020	2019	2020	2019	2020
<i>Expresso</i>	4	6	11	14	4	14
<i>JN</i>	5	6	6	7	3	14
<i>Público</i>	10	7	22	22	13	19

Fonte: elaboração própria

A principal tendência que se nota entre os dois anos em análise é o crescimento da ideia de direito associada ao DS. No total dos dois anos o JN é o jornal onde existe maior equilíbrio entre as diferentes alegações; Público e Expresso apresentam perfis semelhantes, com maior foco na responsabilidade e menor na culpabilidade. Em relação ao impacto da COVID-19 na cobertura mediática do DS, podemos deduzir que a ideia da recuperação sustentável pós-pandémica aumentou o foco nos direitos daqueles mais afetados pela crise sanitária, de que é exemplo no Expresso, “Hoje, a Internet ainda é um luxo, mas não tenho dúvida de que é um direito humano”, disse Michelle Bachelet”, (3/12/2020).

O JN surge como o jornal onde a culpabilidade teve maior peso, sendo também o título com mais artigos com tom negativo. Essa culpabilidade vai em diferentes direções, do Norte para o Sul, “Países em desenvolvimento "arriscam uma década perdida", alerta FMI” (27/8/2020), da oposição para o governo, “Verdes dizem que Plano de Recuperação e Resiliência pode ser "oportunidade perdida”” (21/9/2020), ou de ativistas locais contra novos investimentos, “Portugueses e galegos vão protestar contra o lítio na ponte de Cerveira” (15/9/2020). No entanto, esta é a alegação moral menos comum em todos os jornais.

Finalmente a responsabilidade pelo DS é a alegação mais frequente no conjunto dos jornais, sendo especialmente dominante no Público e Expresso, de que são exemplos “Plataforma junta 40 municípios pelas pessoas, pelo planeta, pela paz (...) que pretende apoiar municípios e organizações de base local a incorporar, no respectivo planeamento e acção, os 17 ODS da Agenda 2030 das Nações Unidas.” (Público, 10/11/2020) ou “Num mundo cada vez mais instável, onde os limites que asseguram o funcionamento do planeta estão gravemente ameaçados, a Sonae tem a ambição de contribuir para a resolução dos desafios ambientais mais urgentes da atualidade.” (Expresso, 11/11/2020). Estes artigos apontam a responsabilidade de alcançar o DS a poderes públicos ou privados, governos ou empresas, e por vezes também aos cidadãos, como em “Segundo a AMI, ao reciclar as radiografias evita-se que estes resíduos sejam depositados em aterros sanitários, reduzindo a contaminação do meio ambiente e contribuindo para o ODS 12 - Produção e Consumo Sustentáveis.” (JN, 25/11/2019).

Os resultados contrastam com os obtidos para a imprensa britânica, onde a culpabilidade era a alegação mais comum em alguns jornais e o entitlement a mais rara. Diprose et al. (2018) argumentam que a questão de direitos poderá ser menos premente no Reino Unido, um país rico e industrializado, e a culpabilidade poderá, pelos mesmos motivos, ser mais relevante no país. A industrialização tardia de Portugal e a sua menor riqueza relativa poderão explicar estas diferenças. Também Boykoff (2008) para tablóides e Doulton & Brown (2009) para quality papers concluíram que a justiça ou o direito eram a alegação mais incomum nos jornais britânicos no que concerne às alterações climáticas. Parece que os resultados obtidos no nosso estudo possam estar influenciados pelo efeito pandemia, com um acréscimo de artigos em torno do direito a beneficiar do DS. Porém, esta será uma análise a confirmar em estudos que contemplem anos posteriores.

Voz dominante

A Tabela 4 explicita a predominância de diferentes atores e agências (políticos, ONU, academia, empresas/negócios, ONG e outros) nos artigos.

Tabela 4: Vozes dominantes por jornal em 2019 e 2020

Vozes	Política			ONU	Academia / Ciência	Negócios	ONG	Outro
	Local	Nacional	Internacional					
<i>Expresso</i>	2	6	2	6	13	12	10	2
<i>JN</i>	6	6	6	8	4	4	7	-
<i>Público</i>	7	10	6	11	24	13	19	3
TOTAL (%)	15 8%	22 11.7%	14 7.5%	25 13.3%	41 22%	29 15.5%	36 19.3%	5 2.6%

Fonte: elaboração própria

A voz política quando agregada (local, nacional e internacional) foi a predominante (27.2%), seguida pela da academia/ciência (22%) e ONG (19.3%). Os resultados estão em sintonia com algumas tendências referidas na literatura. Assim, a voz política parece ser a predominante em jornais de diversas partes do mundo, no que concerne ao ambiente (Eide & Kunelius, 2010) e às alterações climáticas (Comfort et al., 2020). A academia e a ciência tendem a ser considerados pelos média como fontes credíveis e surgem com frequência no espaço informativo, quer a divulgar a sua própria investigação, quer como comentadores de investigação de outrem ou de fenómenos diversos (Albæk et al., 2003), embora a confiança do público na informação de carácter científica possa ser marcada por clivagens ideológicas (Hmielowski et al., 2014). Sem surpresas, e na sequência do que Pinto et al., (2020) já haviam concluído, o jornal Público é o principal veículo de artigos que dão voz à academia/ciência, a que não será estranho que em 2015 fosse o aquele que mais jornalistas tinha a escreverem sobre ciência (Granado & Malheiros, 2015). As ONG têm vindo a ter um espaço crescente na comunicação social (Powers, 2016; Waisbord, 2011) e, em situações específicas e de maior complexidade, podem providenciar informações e interpretação, coproduzindo conteúdo com os jornalistas (Lück et al., 2016). Porém, também tem sido verificado que a oportunidade de estas organizações surgirem no espaço mediático é superior quando expressam opiniões próximas dos círculos oficiais, levando a que, por vezes, se sintam compelidas a enquadrarem-se em agendas noticiosas pré-estabelecidas por agentes com mais poder, como será o caso dos atores políticos e económicos (Fenton, 2010). Entre as ONG identificadas neste estudo pode-se encontrar o Banco Alimentar, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e várias ONGA como a Quercus ou a WWF, só para mencionar algumas. É também no Público que as ONG têm tido mais relevância.

Proporcionalmente, o Expresso é o título que dá mais voz ao mundo dos negócios, onde a narrativa económica se impõe, sobretudo as que apontam soluções tecnológicas ou estratégias de RSC. Este resultado vai ao encontro do perfil de leitor deste semanário, que constitui uma referência entre a classe média alta. O JN é o que dá mais espaço a notícias locais, o que corresponde ao seu perfil mais regional e popular.

Apesar da multiplicidade de atores com presença nos três jornais, o discurso predominante seria mapeado por Hopwood (2005) como próximo do "status quo" ou como reformistas (os que são críticos das políticas correntes, mas sem proporem uma transformação fundamental da sociedade). A não observância no espaço público de ideias disruptivas e transformadoras poderá dever-se à incapacidade da academia e ONG de fazerem emergir a sua própria agenda, estando circunscritos aos temas por outros definidos. Uma certa formatação da solicitação e do que é esperado destes atores (Albæk et al., 2011) pode dificultar o despontar de temas relevantes (decrescimento, p.e.) e questionantes (de que organizações precisamos para construir uma sociedade sustentável?, p.e.) acerca do DS.

Conclusão

De regresso aos objetivos de investigação, verificou-se que a narrativa social é predominante enquanto a dimensão ambiental é mais escassa, sendo o ceticismo o grande ausente. O tom positivo é o dominante, apresentando o DS como algo a atingir e onde são identificados (responsabilizados) agentes que podem promover essa mudança. Estão presentes uma diversidade de vozes e fontes que enquadram o DS na imprensa: a academia, o associativismo, os políticos, o mundo dos negócios e a própria ONU estão bem representados. No entanto, esta diversidade de vozes não consegue produzir um debate vivo sobre o DS,

não havendo representação de posições transformadoras. O DS parece ser um conceito aceite de forma quase consensual, ainda que com nuances em relação ao que significa e implica. O tema da pandemia COVID-19 foi omnipresente no ano de 2020 e pode justificar o aumento do número de artigos em relação a 2019, bem como no significativo acréscimo do direito ao DS como alegação moral. Naturalmente, o tema da pandemia penetrou numa parte significativa dos artigos selecionados, mas sem que tenha implicado uma mudança de fundo no enquadramento do DS, nomeadamente não desafiando o paradigma do "crescimento verde"/"modernização ecológica" (Atanasova, 2019).

Quando comparamos a nossa análise com a imprensa de outros países europeus, a maior surpresa parece ser a ausência de uma narrativa predominantemente económica, e numa perspetiva de que o DS possa ser um empecilho para o crescimento económico, conforme encontrado por Diprose et al. (2018) para os jornais tendencialmente alinhados ideologicamente com a direita no Reino Unido. Isto poderá ser explicado pelo facto de Portugal ser um país que chegou tarde à industrialização, tendo sido pioneiro na adoção em grande escala das energias renováveis (cuja defesa foi também sempre facilitada pela inexistência de combustíveis fósseis no país). Existe assim, há já algumas décadas, um forte discurso promovido também por empresários a favor da energia verde, que será facilitado por não existir uma indústria tradicional pesada que pudesse fazer oposição a essa narrativa. Desde a adesão à UE, em 1986, o país encara padrões ambientais mais estritos como um sinal de progresso e a posição do mesmo em rankings internacionais é atentamente seguida ("Portugal em 22.º lugar entre 180 países no desenvolvimento saudável das crianças" no JN, 19/02/2020). O mundo empresarial adotou esta linguagem e uma parte significativa dos artigos encontrados são mesmo patrocinados, o que é também revelador da fragilidade financeira que vive a imprensa portuguesa (Silva 2019). Essa circunstância também facilita artigos que apresentam opções de consumo sustentável, mas que raramente sugerem simplesmente uma redução do consumo.

Os resultados evidenciaram três jornais com perfis distintos. O Expresso é aquele onde é mais fácil encontrar uma forte associação com as narrativas de DS mais usadas por empresas e partidos de direita, onde as soluções tecnológicas e opções de consumo parecem ser suficientes para alcançar a sustentabilidade, sendo o crescimento económico visto como perfeitamente compatível com esse objetivo. É o título onde as narrativas económicas têm maior peso, em contraponto com as ambientais. Não existem artigos céticos neste jornal mostra como o DS é um conceito apropriado pelo mundo dos negócios. Afinal, é também no Expresso que encontramos mais conteúdo patrocinado sobre o DS.

O JN revelou-se o jornal com menor cobertura sobre DS e onde os artigos com tom negativo têm maior proporção. Possui grande foco em notícias curtas sobre iniciativas locais, o que corresponde ao seu perfil de jornal mais popular, lido sobretudo no Norte e Centro do país, ficando patente que o DS faz parte da comunicação corrente também ao nível local e regional.

O Público é claramente o jornal com maior número de artigos sobre DS, com reflexo ao nível da notícia, opinião e reportagem, bem como na voz dada à academia e ciência, e a temas ambientais. É também onde se encontrou os dois únicos artigos onde o ceticismo é a narrativa dominante e que são por isso os mais disruptivos de toda a amostra. Não se trata de um ceticismo que nega a necessidade do DS, mas antes que duvida da sua viabilidade nos termos atuais.

Dada a raridade de artigos de discussão de fundo sobre o DS, poder-se-á concluir que a imprensa tem contribuído para diluir o seu significado, tornando-o num chavão consensual que empresários e políticos abraçam sem qualquer hesitação ou receio de implicações profundas na forma de gerir empresas ou governar. Numa perspetiva mais otimista, a ausência de verdadeiro ceticismo na imprensa portuguesa é um sinal de que os ODS são aceites como metas unanimemente desejáveis, o que poderá ser benéfico para o seu alcance.

A análise de apenas dois anos de cobertura mediática constitui um período demasiado curto para conclusões seguras. Novos estudos, com metodologias diferentes e englobando outros intervalos de análise ajudarão a criar uma visão mais completa sobre o tratamento mediático dado ao DS em Portugal. Além dos órgãos de comunicação social tradicional, será ainda relevante tentar apurar como é este tema discutido e partilhado nas redes sociais, cuja importância enquanto fontes de informação e de marcação da agenda mediática é cada vez mais relevante.

Referências bibliográficas

- Adelekan, I. (2009) The Nigerian press and environmental information for sustainable development. *Local Environment*, 14 (4), 297-312. <https://doi.org/10.1080/13549830902764662>
- Alaazi, D. A., Ahola, A. N., Okeke-Ihejirika, P., Yohani, S., Vallianatos, H., & Salami, B. (2021). Immigrants and the Western media: A critical discourse analysis of newspaper framings of African immigrant parenting in Canada. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 47(19), 4478-4496. <https://doi.org/10.1080/1369183X.2020.1798746>
- Albæk, E. (2011). The interaction between experts and journalists in news journalism. *Journalism*, 12(3), 335-348. <https://doi.org/10.1177/1464884910392851>
- Albæk, E., Christiansen, P. M., & Togeby, L. (2003). Experts in the Mass Media: Researchers as Sources in Danish Daily Newspapers, 1961–2001. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 80(4), 937-948. <https://doi.org/10.1177/107769900308000412>
- Apuke, O. D., & Omar, B. (2020). How do Nigerian newspapers report COVID-19 pandemic? The implication for awareness and prevention. *Health Education Research*, 35(5), 471-480. <https://doi.org/10.1093/her/cyaa031>
- Atanasova, D. (2019). Moving Society to a Sustainable Future: The Framing of Sustainability in a Constructive Media Outlet. *Environmental Communication*, 13:5, 700-711. <https://doi.org/10.1080/17524032.2019.1583262>
- Baker, S. (2006). *Sustainable Development*. London: Routledge.
- Banerjee, S. B. (2003). Who sustains whose development? Sustainable development and the reinvention of nature. *Organization studies*, 24(1), 143-180. <https://doi.org/10.1177/0170840603024001341>
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. 3ª edição. Lisboa: Edições 70.
- Barkemeyer, R., Figge, F. & Holt, D. (2013). Sustainability-Related Media Coverage and Socioeconomic Development: A Regional and North–South Perspective. *Environment and Planning C: Government and Policy*, 31, 716-740. <https://doi.org/10.1068/c11176j>

- Barkemeyer, R., Figge, F., Holt, D. & Hahn, T. (2009). What the papers say: Trends in sustainability: A comparative analysis of 115 leading national newspapers worldwide. *Journal of Corporate Citizenship*, 33, 69–86. <https://www.jstor.org/stable/jcorpciti.33.69>
- Biermann, F., Sun, Y., Banik, D., Beisheim, M., Bloomfield, M. J., Charles, A., Chasek, P., Hickmann, T., Pradhan, P. & Sénit, C. A. (2023). Four governance reforms to strengthen the SDGs. *Science*, 381(6663), 1159-1160. <https://doi.org/10.1126/science.adj5434>
- Bijl, R. (2011). Never waste a good crisis: Towards social sustainable development. *Social Indicators Research*, 102, 157-168. <https://doi.org/10.1007/s11205-010-9736-y>
- Bonfadelli, H. (2010). Environmental sustainability as challenge for media and journalism. In: Gross, M., Heinrichs, H. (eds.), *Environmental Sociology. European Perspectives and Interdisciplinary Challenges* (pp 257-278). Dordrecht: Springer. https://doi.org/10.1007/978-90-481-8730-0_15
- Boykoff, M. T. (2008). The cultural politics of climate change discourse in UK tabloids. *Political geography*, 27(5), 549-569. <https://doi.org/10.1016/j.polgeo.2008.05.002>
- Buckton, C. H., Fergie, G., Leifeld, P., & Hilton, S. (2019). A discourse network analysis of UK newspaper coverage of the "sugar tax" debate before and after the announcement of the Soft Drinks Industry Levy. *BMC Public Health*, 19(1), 1-14. <https://doi.org/10.1186/s12889-019-6799-9>
- Caeiro, T. & Gonçalves, A. (2015). Homelessness – Press, Policies and Public Opinion in Portugal. *European Journal of Homelessness*, 9 (1), 99-122. <https://www.feantsaresearch.org/download/article-5-32609215031298405026.pdf>
- Comfort, S. E., Tandoc, E., & Gruszczynski, M. (2020). Who is heard in climate change journalism? Sourcing patterns in climate change news in China, India, Singapore, and Thailand. *Climatic Change*, 158, 327-343. <https://doi.org/10.1007/s10584-019-02597-1>
- Czvetkó, T., Honti, G., Sebestyén, V. & Abonyi, J. (2021). The intertwining of world news with Sustainable Development Goals: An effective monitoring tool. *Heliyon*, 7 (2), e06174. <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2021.e06174>
- Davidson, K. (2014). A Typology to Categorize the Ideologies of Actors in the Sustainable Development Debate. *Sustainable Development*, 22 (1), 1–14. <https://doi.org/10.1002/sd.520>
- Diprose, K., Fern, R., Vanderbeck, R., Chen, L., Valentine, G., Liu, C. & Mcquaid, K. (2018). Corporations, Consumerism and Culpability: Sustainability in the British Press. *Environmental Communication*, 12 (5), 672-685. <https://doi.org/10.1080/17524032.2017.1400455>
- Doulton, H., & Brown, K. (2009). Ten years to prevent catastrophe?: Discourses of climate change and international development in the UK press. *Global Environmental Change*, 19(2), 191-202. <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2008.10.004>
- Durães, P. (2021). APCT: Expresso resiste num ano em que a imprensa foi fustigada pela pandemia. Meios & Publicidade. Disponível em: <https://www.meiosepublicidade.pt/2021/02/apct-expresso-resiste-num-ano-imprensa-fustigada-pela-pandemia/>
- Eide, E., & Kunelius, R. (2010). Domesticating global moments. A transnational study on the coverage of the Bali and Copenhagen climate summits. In E. Eide, R. Kunelius, & V. Kumpu (Eds.), *Global climate-local journalisms* (pp. 11–50). Bochum: Projekt Verlag.

- European Commission (2019). Reflection paper towards a sustainable Europe by 2030. Brussels: European Union. Disponível em https://commission.europa.eu/system/files/2019-02/rp_sustainable_europe_30-01_en_web.pdf
- Fagbemi, F. (2021). COVID-19 and sustainable development goals (SDGs): An appraisal of the emanating effects in Nigeria. *Research in Globalization*, 3, 100047. <https://doi.org/10.1016/j.resglo.2021.100047>
- Fenner, R. & Chernev, T. (2021). The implications of the Covid-19 pandemic for delivering the Sustainable Development Goals. *Futures*, 128, 102726. <https://doi.org/10.1016/j.futures.2021.102726>
- Fenton, N. (2010). NGOs, new media and the mainstream news: News from everywhere. In Natalie Fenton (Ed.). *New media, old news: Journalism & democracy in the digital age* (pp. 153-168). London: Sage.
- Ferreira, P. (2020) Rumo a 2030. Lisboa: Instituto Marquês de Valle Flor. Disponível em <https://www.imvf.org/wp-content/uploads/2020/04/estudo-rumo-a-2030-os-municipios-e-os-ods-imvf.pdf>
- Filho, W., Price, E., Wall, T., Shiel, C., Azeiteiro, U. M., Mifsud, M., Brandli, L., Farinha, C., Caeiro, S., Salvia, A., Vasconcelos, C., Sousa, L., Pace, P., Doni, F., Avila, L., Fritzen, B. & LeVasseur, T. J. (2021). COVID-19: the impact of a global crisis on sustainable development teaching. *Environment, development and sustainability*, 23, 11257-11278. <https://doi.org/10.1007/s10668-020-01107-z>
- Firmstone, J. (2019, March 26). Editorial Journalism and Newspapers' Editorial Opinions. *Oxford Research Encyclopedia of Communication*. Disponível em <https://oxfordre.com/communication/view/10.1093/acrefore/9780190228613.001.0001/acrefore-9780190228613-e-803>.
- Fischer, D., Haucke, F. & Sundermann, A. (2017). What Does the Media Mean by "Sustainability" or "Sustainable Development"? an Empirical Analysis of Sustainability Terminology in German Newspapers Over Two Decades. *Sustainable Development*, 25 (6), 610–624. <http://dx.doi.org/10.1002/sd.1681>
- Flick, U. (2006) *An Introduction to Qualitative Research*, 3rd edition, London: SAGE Publications.
- Granado, A., Malheiros, J.V., 2015. *Cultura científica em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. Disponível em <https://ffms.pt/pt-pt/estudos/cultura-cientifica-em-portugal>.
- Harcourt, R., Bruine de Bruin, W., Dessai, S., & Taylor, A. (2020). What adaptation stories are UK newspapers telling? A narrative analysis. *Environmental Communication*, 14(8), 1061-1078. <https://doi.org/10.1080/17524032.2020.1767672>
- Hayes, S., & O'Neill, S. (2021). The Greta effect: Visualising climate protest in UK media and the Getty images collections. *Global Environmental Change*, 71, 102392. <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2021.102392>
- Heese, J., Pérez-Cavazos, G., & Peter, C. D. (2022). When the local newspaper leaves town: The effects of local newspaper closures on corporate misconduct. *Journal of Financial Economics*, 145(2), 445-463. <https://doi.org/10.1016/j.jfineco.2021.08.015>
- Hickel, J. (2019). The contradiction of the sustainable development goals: Growth versus ecology on a finite planet. *Sustainable Development*, 27(5), 873-884. <https://doi.org/10.1002/sd.1947>

- Hmielowski, J. D., Feldman, L., Myers, T. A., Leiserowitz, A., & Maibach, E. (2014). An attack on science? Media use, trust in scientists, and perceptions of global warming. *Public Understanding of Science*, 23(7), 866-883. <https://doi.org/10.1177/0963662513480091>
- Holt, D. & Barkemeyer, R. (2012). Media coverage of sustainable development issues – attention cycles or punctuated equilibrium?. *Sustainable Development*, 20: 1-17. <https://doi.org/10.1002/sd.460>
- Hopwood, B., Mellor, M. & O'Brien, G. (2005). Sustainable development: mapping different approaches. *Sustainable Development*, 13 (1), 38–52. <https://doi.org/10.1002/sd.244>
- IUCN, UNEP, WWF (1989). *World Conservation Strategy*. Gland: IUCN. Disponível em <https://portals.iucn.org/library/efiles/documents/wcs-004.pdf>
- Janoušková, S., Hák T., Nečas, V. & Moldan, B. (2019). Sustainable Development - A Poorly Communicated Concept by Mass Media. Another Challenge for SDGs?. *Sustainability*, 11(11), 3181. <https://doi.org/10.3390/su11113181>
- JAS (2020). JN é líder nacional na informação online. *Jornal de Notícias*. Disponível em: <https://www.jn.pt/artes/media/jn-e-lider-nacional-na-informacao-online-12179006.html>
- Junsheng, H., Akhtar, R., Masud, M. M., Rana, M. S., & Banna, H. (2019). The role of mass media in communicating climate science: An empirical evidence. *Journal of Cleaner Production*, 238, 117934. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2019.117934>
- Klosterman, M. L., Sadler, T. D., & Brown, J. (2012). Science teachers' use of mass media to address socio-scientific and sustainability issues. *Research in Science Education*, 42, 51-74. <https://doi.org/10.1007/s11165-011-9256-z>
- Krippendorff, K. (2004). *Content Analysis: An Introduction to its Methodology*. 2nd. ed. London: SAGE.
- Lewis, T. (2000). Media Representations of "Sustainable Development": Sustaining the Status Quo?. *Science Communication*, 21 (3), 244–273. <https://doi.org/10.1177/1075547000021003003>
- Liu, F., Ganesan, V. & Smith, T. (2020). Contrasting communications of sustainability science in the media coverage of palm oil agriculture on tropical peatlands in Indonesia, Malaysia and Singapore. *Environmental Science & Policy*, 114, 162-169. <http://doi.org/10.1016/j.envsci.2020.07.004>
- López-Carrión, A. & Martí-Sánchez, M. (2024). Analysis of the coverage and discourse of the Sustainable Development Goals and the 2030 Agenda in the Spanish digital press (2015-2022). *Revista Latina de Comunicación Social*, 82, 01-21. <https://www.doi.org/10.4185/RLCS-2024-2057>
- Lück, J., Wozniak, A., & Wessler, H. (2016). Networks of coproduction: How journalists and environmental NGOs create common interpretations of the UN climate change conferences. *The International Journal of Press/Politics*, 21(1), 25–47. <https://doi.org/10.1177/1940161215612204>
- Mohamed, S., Yusoh, H. & Ghazali, W. (2020). Framing Sustainable Energy: A Comparative Analysis of Malay and English Newspapers in Malaysia. *International Journal of Asian Social Science*, 10, 295-306. <https://archive.aessweb.com/index.php/5007/article/view/3187/5037>
- Montiel-McCann, C. S. (2023). "It's like we are not human": discourses of humanisation and otherness in the representation of trans identity in British broadsheet newspapers. *Feminist Media Studies*, 23(6), 2962-2978. <https://doi.org/10.1080/14680777.2022.2097727>
- Morse, S. (2008). Post-sustainable development. *Sustainable development*, 16(5), 341-352. <https://doi.org/10.1002/sd.354>

- Muschketat, N. (2022). O Público é o diário mais lido do país e o campeão das assinaturas digitais. Público. Disponível em: <https://www.publico.pt/2022/05/31/sociedade/noticia/publico-diario-lido-pais-campeao-assinaturas-digitais-2008435>
- Nguyen, A., & Tran, M. (2019). Science journalism for development in the Global South: A systematic literature review of issues and challenges. *Public Understanding of Science*, 28(8), 973-990. <https://doi.org/10.1177/0963662519875447>
- Oluwaniyi, O. (2018). O papel das corporações multinacionais de petróleo na Nigéria: mais exploração equivale a um menor desenvolvimento da região rica em petróleo do Delta do Níger. *Revista Brasileira de Estudos Africanos*, 3(6), 151-172.
- Ottersen, O. P., & Engebretsen, E. (2020). COVID-19 puts the sustainable development goals center stage. *Nature Medicine*, 26(11), 1672-1673. <https://doi.org/10.1038/s41591-020-1094-y>
- Pinto, B., Costa, J. & Cabral, H. (2020). What news from the sea? Assessing the presence of marine issues in the Portuguese quality press. *Ocean & Coastal Management*, 185, 105068. <https://doi.org/10.1016/j.ocecoaman.2019.105068>
- Powers, M. (2016). Opening the news gates? Humanitarian and human rights NGOs in the US news media, 1990–2010. *Media, Culture & Society*, 38(3), 315-331. <https://doi.org/10.1177/0163443715594868>
- Redclift, M. (2005). Sustainable development (1987–2005): an oxymoron comes of age. *Sustainable development*, 13(4), 212-227. <https://doi.org/10.1002/sd.281>
- República Portuguesa (2023) 2023 Voluntary National Review: Portugal. Disponível em https://hlpf.un.org/sites/default/files/vnrs/2023/Portugal_VNR_Report.pdf
- Rowlands, I. H. (1993). Achieving sustainable development: Getting a good thing. *Third World Quarterly*, 14(2), 385-393. <https://www.jstor.org/stable/3992575>
- Rubin, V. L. (2019). Disinformation and misinformation triangle: A conceptual model for “fake news” epidemic, causal factors and interventions. *Journal of documentation*, 75(5), 1013-1034. <https://doi.org/10.1108/JD-12-2018-0209>
- Sampaio, R. & Lycarião, D. (2021). *Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação*. Enap: Brasília.
- Silva, E. C. (2019). O futuro da imprensa portuguesa: há lugar para o Estado?. *Observatorio (OBS*)*, 13(3). <http://dx.doi.org/10.15847/obsOBS13320191401>
- UN (2015). *Transforming our world : the 2030 Agenda for Sustainable Development*. New York: UN General Assembly A/RES/70/1.2015. Disponível em <https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N15/291/89/PDF/N1529189.pdf?OpenElement>
- Usher, N. (2021). *News for the rich, white, and blue: How place and power distort American journalism*. New York: Columbia University Press. <https://doi.org/10.7312/ushe18466>
- Waisbord, S. (2011). Can NGOs change the news?. *International Journal of Communication*, 5, 24.
- Wang, Q., & Huang, R. (2021). The impact of COVID-19 pandemic on sustainable development goals—a survey. *Environmental Research*, 202, 111637. <https://doi.org/10.1016/j.envres.2021.111637>
- WCED (1987). *O Nosso Futuro Comum*. Meribérica: Lisboa.
- Weber, H. (2017). Politics of ‘leaving no one behind’: contesting the 2030 Sustainable Development Goals agenda. *Globalizations*, 14(3), 399-414. <https://doi.org/10.1080/14747731.2016.1275404>

Yacoumis, P. (2018). Making Progress? Reproducing Hegemony Through Discourses of "Sustainable Development" in the Australian News Media. *Environmental Communication*, 12 (6), 840-853.
<https://doi.org/10.1080/17524032.2017.1308405>